

## **AS INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS DA ESCOLA ANISIANA DOS ANOS 30 NO ANTIGO DISTRITO FEDERAL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DOS SABERES E PRÁTICAS ESCOLARES**

Miriam Waidenfeld Chaves/UFRJ

Estudos sobre a história das disciplinas escolares pressupõem um debate acerca dos saberes e das práticas escolares na medida em que sua condição de existência encontra-se ligada não apenas às suas ciências de referência, mas também à cultura escolar que se constitui de conhecimentos, comportamentos e valores<sup>1</sup>. Envolvem, nesse caso, uma discussão sobre aquilo que lhe é interno e externo, ou melhor, seus saberes de base e o que se refere às forças e aos interesses sociais em jogo no âmbito da cultura, desfazendo-se a idéia de que seriam algo desencarnado, neutro e independente<sup>2</sup>. Pelo contrário, se definiriam como produtos das mais variadas disputas travadas no interior da sociedade e da própria escola que, em cada momento histórico, expressariam o que é valorizado e desvalorizado político, social e culturalmente. Nesse sentido, se a história das disciplinas evoca um estudo sobre os saberes e as práticas escolares, aquele objeto de pesquisa também implica uma reflexão acerca da história da cultura escolar.

Este texto, parte de minha tese de doutorado<sup>3</sup>, procurará mostrar como era o ensino de história na Escola Argentina<sup>4</sup>, uma das cinco escolas experimentais<sup>5</sup> criadas pela reforma pedagógica elaborada por Anísio Teixeira no antigo Distrito Federal na primeira metade dos anos 30. Salientará a concepção positivista que se tinha da disciplina, a maneira como era ensinada e que conhecimentos, comportamentos e qualidades eram por ela valorizados.

Será enfatizado que o ensino dessa disciplina abrangeria mais do que poucas noções de história. Implicaria a seleção e a transmissão de determinados conteúdos e ainda o seu enquadramento social e epistemológico a posicionando como uma disciplina altamente valorizada, posto que o que era por ela veiculado contribuía para modelar um tipo de cidadão idealizado não apenas pela escola, mas pela própria nação que, naquele momento histórico, ansiava por modernização.

## **O ensino de história na Escola Argentina<sup>6</sup>**

Uma análise acerca do ensino de história na Escola Argentina após a reforma de Anísio Teixeira envolve vários aspectos.

Em um primeiro momento pode-se dizer que os valores e comportamentos que dele emanam, definem a escola enquanto um espaço civilizador que tem como objetivo disseminar o *ethos* de uma nova sociedade urbana e industrial que florescia junto com um movimento de modernização nacional.

Portanto, o artigo sobre o Dia do Trabalho, escrito por Jurema Souto da Silva, da quinta série, publicado na edição de mai./jun. de 1932 da revista mostra como aqueles valores eram implementados. Por meio de uma homenagem aos trabalhadores brasileiros, exalta a importância do trabalho operário para o crescimento do país e ainda através de uma perspectiva funcionalista defende que a divisão social do trabalho deveria ser regida pelo princípio da harmonia e da cooperação entre os grupos sociais:

Festejar o trabalho é a mais bela homenagem que se pode prestar ao operário, pois seu esforço muito concorre para o engrandecimento da nação.

Tudo quanto o operário ganha provem do seu esforço e do seu trabalho.

Que seriam dos engenheiros, das fábricas, das nações, se não houvesse esses humildes artífices sempre prontos a executar, a tornar em realidade os sonhos e as idéias?

É grande número de operários analfabetos; entretanto, está bem diminuído agora, depois que se abriram as escolas noturnas, para os que tem horas do dia tomadas pelo trabalho.

Há no Brasil muitas fábricas, porém ainda são necessárias mais, talvez o decuplo das existentes. A grandeza de um país muito depende do número de operários.

Devemos pois, trata-los com muito carinho.

Todo trabalho honesto é virtuoso.

Essas idéias ainda revelam uma preocupação em educar o aluno para que se solidarizasse com os mais necessitados através do respeito aos mais velhos, mais sofridos e mais doentes etc...

Uma maneira de despertar esses sentimentos ocorre por meio da dramatização de fatos históricos que freqüentemente era estimulada pelas aulas de auditório<sup>7</sup>. A libertação dos escravos, por exemplo, é teatralizada para comover os alunos, que deveriam através do ato

da “bondosa” princesa Isabel passar a sentir esse mesmo tipo sentimento pelos mais humildes e sofridos:

No dia 13 de maio D. Flora fez uma dramatização no auditório.  
Chamou Déa Pereira para ser a princesa Isabel e o Edgard para ser D. Pedro II  
D. Pedro II era o pai da princesa Isabel  
D. Flora dividiu a turma em duas porções: de um lado ficaram os portugueses e do outro ficaram os escravos...  
A princesa Isabel ficou com pena dos escravos. No dia 13 de maio de 1888 ela libertou os escravos.  
Quando Déa libertou os cativos todos nós batemos palmas (mai/jun. de 1932).

De acordo com esta lógica, pode-se ainda notar que a história do Brasil que se quer fixar no imaginário dos alunos é a de uma história nacional que se constrói sem rupturas e traumas sociais. A ação benevolente da princesa Isabel, o ato heróico de Tiradentes e a postura passiva de D. Pedro II descritas abaixo confirmam essa versão da história do Brasil ensinada:

#### ESCRavidÃO

...Muito justo foi que a chamassem...a Redentora, pois, era uma alma generosa e nobre que passou pelo Brasil, praticando sempre a caridade.  
...Essa lei foi recebida alegremente por todos os brasileiros, que viam os infelizes escravos livres do terrível cativo. (Humbertina Pereira, quinta série - edição de mai/jun de 1932)

#### TIRADENTES

Tiradentes veio para o Rio comprar munições e fazer propaganda da revolução, quando foi cruelmente traído por seu companheiro Silvério dos Reis que desejando ser querido pelos portugueses e ganhar dinheiro e títulos, não guardou segredo. Foram todos presos e condenados à morte, porém D. Maria I, rainha de Portugal, comutou a pena para degredo perpétuo, exceto para Tiradentes, que subiu ao patíbulo no dia 21 de abril de 1792 com grande sangue frio e coragem. Devemos pois, prestar muitas homenagens a este grande herói, que deu a vida pela Independência de sua Pátria. (Nedyr Galvão, quinto ano – mai/jun. de 1932)

#### 15 DE NOVEMBRO

...O magnânimo imperador D. Pedro II foi, com sua família para a Europa. E sem lutas, sem guerras, começou a nossa República... (Dayse Guimarães, quarto ano – nov/dez de 1932)

As soluções apaziguadoras dão o tom dessa história ensinada. Mostram que nossas lutas e insurreições não romperam com o passado imperial português, mas, pelo contrário,

tiveram, muitas vezes, a solidariedade dos próprios lusitanos, de quem, contraditoriamente, se procurava libertar.

O amor pelo continente americano, pelo Brasil e pela Argentina também é constantemente estimulado. Os alunos são ensinados a exaltar seus heróis e suas terras, a colaborar com as causas humanitárias do continente e a desenvolver uma vida social e participativa que estimulasse a solidariedade e a cooperação entre os povos.

Nesse sentido, a Escola Argentina incentiva um trabalho em torno do pan-americanismo, divulgando os seus objetivos, estabelecendo contatos com escolas na Argentina e exaltando a paz em solo americano. Os alunos criam vários concursos de redação sobre a vida dos heróis latino-americanos, visitam e participam de exposições de trabalhos dos clubes pan-americanos, procuram sempre festejar as datas de libertação desses países, onde, curiosamente, declamam em espanhol e, em 1935, ainda criam o próprio Clube Pan Americano da escola.

A poesia *Fraternidade*, da professora Flora Nobre, escolhida para o concurso de declamação do Clube Literário da escola em 1935, mostra como esse tipo de sentimento que a escola era trabalhado pela escola:

América que eu amo! Oh! Pedaco do mundo  
Sem fronteiras ao sul, sem fronteiras ao norte!  
Que sempre exista em nós este orgulho profundo  
De ter nascido em ti, de ter nascido forte.

Que sempre o teu ideal de Paz, Concórdia e União  
Encontre o apoio amigo dos americanos,  
Seja o teu solo livre, hospitaleiro e irmão  
Um exemplo de amor aos déspotas tiranos.

Que te quebrem de vez, os marcos e as fronteiras  
E o sol do Amor abra-se a seára em luz e pão  
Pela Paz se troquem todas as bandeiras.....

Quando surgir tal dia, América imortal  
Há de ser para sempre um grande coração  
A palpar dentro da Pátria Universal!

Como demonstração de que as crianças aprendiam a lição de amor e paz do poema acima, vale a pena reproduzir a redação *Paz na escola*, de Augusto dos Santos, de doze anos, publicada na edição de jul/ag. de 1935:

A paz que reina por toda a nossa escola, quero eu que reine sempre. Nós, crianças, não devemos brigar para que fique na escola a verdadeira paz. Os crescidos não devem aproveitar dos pequeninos para provocá-los e dar-lhes pancada.

Desde criança é que nós aprendemos a viver sem guerra. E é na escola, principalmente, para que haja paz com os colegas, não só com os da nossa turma, como também com as das outras classes.

Habitando-nos a essa união com os nossos colegas, mais tarde saberemos viver sem guerra. Nessas horríveis guerras é que vemos muitas famílias enlutadas, ficando ao desamparo.

Paz pela escola é o que queremos!

Quero que reine paz na nossa escola!

Estas palavras mostram não apenas que é na escola que se tem essa lição, mas principalmente que só se aprende a viver em paz praticando a paz desde criança nos mais variados espaços sociais. Demonstram ainda o quanto o ensino de história se amalgamava a própria cultura escolar da Escola Argentina que naquele momento transforma-se em uma verdadeira *casa de educação* como assim idealizara Anísio Teixeira<sup>8</sup>.

A poesia escrita pela aluna Maria de Lurdes Bruce, da primeira série revela bastante bem esse espírito da escola. Indica o quanto seus alunos internalizavam os seus valores, posto que sabiam que estudavam para se tornar os futuros trabalhadores da nação:

A escola é uma oficina.

O livro, o papel, a pena, a tinta, são nossos instrumentos de trabalho.

Nós somos os pequeninos operários que haveremos de trabalhar pelo Brasil.

Através desse poema ainda percebe-se que o ensino de história não se restringia à sala de aula convencional. Da *Revista Escola Argentina* nota-se que se aprendia história nas aulas semanais da biblioteca e do auditório que de maneira lúdica e descontraída também ensinavam história.

Além desses espaços de aprendizagem, as Instituições Escolares<sup>9</sup> tornam uma outra dimensão educativa que a reforma anisiana trata de estimular e que as escolas experimentais imediatamente passam a desenvolver em seu cotidiano escolar. Através delas os alunos teriam a oportunidade de praticar aquilo que lhes era ensinado nas salas de aula. Desenvolveriam ativamente os conhecimentos, comportamentos e valores aprendidos

através do seu trabalho prático em algumas das organizações escolares criadas por eles próprios.

No artigo *Auditorium*, publicado em nov./dez. de 1932, pode-se ver confirmada a função prática educativa desse tipo de organização:

Os clubes são de grande valor educativo: social, moral, intelectual e físico. Unificam as idéias da classe e despertam a vontade de saber para poder falar.

Os clubes, porém só devem funcionar nas turmas adiantadas...

O que se obtém com os clubes: o clube desperta o interesse pelo estudo,; estimula e facilita a expressão; vence a timidez; forma hábitos e atitudes corretas; ensina a assumir a responsabilidade; socializa a escola; ensina a trabalhar em cooperação. [grifo da outora]

Entretanto, essa maneira mais ativa de ensinar a matéria coexiste com um tipo de ensino intelectualista que se encontrava mais presente na sala de aula convencional.

A partir da edição de mar./abr. de 1933 quando a *Revista Escola Argentina* passa a publicar, sob o título de *As nossas lições*, os conteúdos de história, geografia, ciências, desenho e português percebe-se que naquelas salas o que de fato prevalecia era um tipo de ensino mais tradicional, onde o que importava era a memorização de grandes quantidades de conteúdo.

Listas e mais listas de conteúdos são transcritas naquela sessão da revista. E se as páginas acima nos faz pensar que a história ensinada parecia ter vida, já que os alunos dramatizavam fatos históricos, participavam de concurso e visitavam outras escolas ou mesmo o centro do Rio antigo para aprenderem *in loco* algum fato histórico, a listagem dos conteúdos de história, por outro lado, dá a impressão de que se ensinava uma história que também parecia sem alma e distante da realidade dos alunos.

Essa característica é evidenciada, por exemplo, quando os conteúdos referentes à idade moderna para a quinta série são publicados na edição de mar/abr. de 1933:

#### GRANDES INVENÇÕES – PÓLVORA

Admiti-se hoje, que os chineses já a conheciam desde os primeiros séculos da era cristã; porém, apenas se serviram dela para a fabricação de fogos de artifício. É também opinião aceita, que os árabes foram os primeiros a empregá-la para lançar projéteis. Atribuem a descoberta da pólvora ao frade alemão Bertholdo Shumartz; segundo outros, ao inglês Rogério Bacon. *Conseqüências*: o seu uso modificou o sistema de guerr, pelas novas e úteis aplicações das armas de fogo.

Do conjunto dos exemplos acima, pode-se concluir que, apesar de o ensino de história não romper com os velhos manuais, tentava-se ao mesmo tempo ensinar história por meio da integração de atividades intelectuais e lúdicas. Nesse caso, o ensino de história ampliaria o seu raio de ação para além da “velha” sala de aula que, ao deixar de ser o único lugar de aprendizagem, estaria criando outros espaços pedagógicos que igualmente teriam a função de disseminar os ensinamentos históricos.

### **Considerações Finais**

A partir dessa exposição fica claro que o ensino de história na Escola Argentina após a reforma anisiana nos anos 30 amalgamava-se à própria cultura escolar, produzindo um conjunto de conhecimentos, comportamentos e valores com o intuito de educar de acordo com determinados padrões tanto sociais, quanto culturais e éticos que implicavam a modelação de um aluno que mais tarde deveria aceitar de bom grado o papel que lhe coubesse na divisão social do trabalho que naquele momento se sofisticava cada vez mais.

Para que tal propósito se concretizasse, a história ensinada teria que utilizar uma série de estratagemas. Precisaria, sem abandonar uma metodologia mais tradicional que prima pela memorização, lançar mão de um ensino mais ativo para que assim pudesse garantir o sucesso de seu intento.

Nesse sentido, a escola ao mesmo tempo que se modifica, desejando tornar-se mais alegre, viva e estimulante, também se fixa como o *templo do saber*, de acordo com as palavras do próprio jornal. Se ela, de fato, torna-se mais ativa, igualmente permanece sendo a guardiã do conhecimento produzido pela humanidade, cabendo somente a ela tanto preservar quanto repassar para as gerações mais jovens esse mesmo patrimônio que, segundo ela, deveria ser tratado com respeito e reverência.

Portanto, o seu ensino de história ao mesmo tempo em que produz novas possibilidades de aprendizagem também reproduz um tipo de ensino que define a história

como uma disciplina que teria a função de educar de acordo com os padrões civilizadores da época.

---

<sup>1</sup> PESSANHA Eurize C., DANIEL Maria E., MENEGAZZO Maria A., (2004) . Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa. *Revista Brasileira de Educação*, n. 27, set./out./nov./dez., p.57-69.

<sup>2</sup> Forquin mostra bastante bem as disputas que se travam no âmbito das disciplinas escolares e como, muitas vezes, são regidas por razões que se encontram no interior da própria sociedade. FORQUIN, J. C., (1992). Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, Ed. Pannonica, n. 5, p. 2849.

<sup>3</sup> CHAVES, Miriam W., (2001). *A Escola anisiana dos anos 30: fragmentos de uma experiência – A trajetória pedagógica da Escola Argentina no antigo Distrito Federal (1931-1935)*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação, PUC-RJ.

<sup>4</sup> A Escola Argentina é fundada em 1924 por Carneiro Leão. Só em 1929, na gestão de Fernando Azevedo, recebe instalações condignas, mudando-se para um prédio neocolonial no Engenho Novo. Durante a administração de Anísio Teixeira torna-se experimental em 1932 e transfere-se em 1935 para um prédio moderno em Vila Isabel.

<sup>5</sup> São criadas outras quatro escolas experimentais: Bárbara Ottoni, México, Estados Unidos e Manuel Bonfim, que se transformam juntamente com a Escola Argentina em verdadeiros pólos irradiadores do novo padrão escolar.

<sup>6</sup> As informações do item abaixo foram obtidas nos 15 exemplares da *Revista Escola Argentina*, encontrados na escola. Editada por alunos e professores de 1929 até 1935 expressa o que se passava no seu interior nos idos de 1930.

<sup>7</sup> Com a reforma de Anísio Teixeira, em 1931, a escola passa a ter semanalmente em sua grade curricular, aulas de biblioteca e de auditório que, por meio de um ensino mais descontraído – dramatizações, concursos, jogos –, reforçava o que era aprendido em sala de aula.

<sup>8</sup> TEIXEIRA, Anísio, (1997). *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

<sup>9</sup> Reunião de alunos em torno de algum propósito educacional que visava uma organização escolar. Entre elas pode-se citar a Caixa Escolar, fundada no antigo Distrito Federal em 1893, os Clubes Pan Americanos, Literários e Esportivos, a Cooperativa Agrícola e a Revista Escola Argentina.